

7.

CONCLUSÕES

Em meio ao grande número de crianças brasileiras que não consegue se alfabetizar na idade certa, por diferentes motivos, inclusive pedagógicos, vivemos em Duque de Caxias uma situação não muito diferente. Apesar de ser o segundo município em arrecadação no Estado do Rio de Janeiro, vimos um descaso com o serviço público oferecido, em especial à educação.

Mesmo assim, temos professoras que se destacam em seu trabalho de alfabetizar. São professoras que resistem à luta diária do trabalho em dois ou três turnos, às arbitrariedades cometidas pela secretaria de educação e à autoridade dos gestores das escolas. São professoras que, muitas vezes, têm que se isolar, pelo fato de não ter o seu trabalho compreendido, que não podem contar com a participação dos responsáveis dos alunos, esses já tão descrentes com a escola, que precisam conviver com outros professores já desanimados e que dizem que não vale a pena ousar.

As professoras aqui investigadas têm resistido à maior parte desses problemas. Foram indicadas justamente por serem referências para as escolas nas quais trabalham. Compreendem o seu trabalho como aquele que busca o sucesso de todos os seus alunos no aprendizado da leitura e da escrita. Por isso, chamadas na pesquisa de Professoras-referência em alfabetização.

Pesquisando quatro delas, me vi mais uma vez na função que por vários anos exerci: a de alfabetizadora. Os olhos brilhantes dos alunos quando se descobrem lendo ou escrevendo corretamente alguma palavra, a alegria com o elogio da professora, o carinho recebido, mesmo através do olhar. Assim também me fiz uma professora-referência em alfabetização.

Digo isso para que fique claro que conheço bem esse universo da pesquisa. Sei as dificuldades por que toda professora passa nesta tão complexa e difícil tarefa, mas sei também das alegrias que proporcionamos aos alunos quando se veem lendo: “*Foi a tia Diana que me ensinou a ler*”. Ou “*A tia Cristina é ótima. Ela nos ajuda nos deveres e ensina a gente fazer certinho*”. Acredito que em nenhuma outra etapa da escolaridade os avanços ou não avanços são tão evidentes como no caso da alfabetização. Em se tratando de professoras-referência, espera-se que estejam em maior destaque os avanços.

Essas professoras abriram a “*caixa preta*” de suas aulas (Bressoux, 2003) e foram bastante generosas ao compartilhar comigo as suas práticas alfabetizadoras. Dessas

práticas, algumas são essenciais para que o aluno compreenda sobre o sistema de escrita alfabético e outras que levam ao letramento. No corpo do trabalho, destaco o que cada uma delas realizou para dar conta desses dois aspectos da língua escrita.

Pensando nisso, me reporto à formação dos professores. Quantos têm possibilidade de refletir sobre o papel da escola, especialmente para os alunos das classes populares? A formação recebida nas escolas de formação dá conta de um trabalho inclusivo, que busca atender às diferentes necessidades dos alunos? As escolas têm funcionado como *locus* de formação? Os professores têm tempo para planejar?

Para todas as perguntas acima, infelizmente acredito que a resposta seja não. Sem tempo para planejar, refletir sobre os condicionantes que interferem em seu trabalho, ou por não querer se indispor com outro professor ou com a gestão da escola, o professor resiste questionar o trabalho ali vivenciado. Isola-se em sua sala ou realiza o que a maior parte dos professores da escola fazem, com medo de serem excluídos.

O planejamento, apresentado como uma das condições para um ensino de qualidade, tem sido tratado na escola como uma questão mais burocrática do que aquela que pode ajudar o professor a organizar o seu trabalho. Sabemos, entretanto, que no Brasil as questões salariais têm se sobressaído às de ordem pedagógica. Muitos dos professores precisam trabalhar em dois ou mais turnos, para que consigam sobreviver com dignidade. A professora Cristina, por exemplo, trabalha em três turnos.

Embora todas as professoras pesquisadas tenham dito que realizavam o planejamento de suas aulas, não percebi nenhuma delas se reportando a ele para passar alguma atividade. Entretanto, não posso dizer que houve nestas turmas algum espontaneísmo. Todas demonstravam muita segurança e já levavam para a escola o que iriam realizar naquele dia. Isso se dava do modo como a professora Cristina relatou: *tenho tudo na cabeça, aí é só passar pro papel* (Entrevista).

Os professores de Duque de Caxias, não diferente do que acontece na maior parte do país, não têm tempo para planejar. Apesar deste município pagar um dos melhores salários de todo o Estado do Rio de Janeiro, muitos precisam ainda complementar a sua renda, lecionando em outras escolas ou na mesma, em outro turno. Entre as professoras investigadas, as professoras Diana e Paloma trabalham em outro município. As outras fazem aula extra na mesma escola, o que significa receber salários significativamente mais baixos, sendo descontados ou perdendo a sua aula extra caso fiquem doentes. Desse modo, os direitos que qualquer trabalhador tem assegurados não são respeitados.

A insegurança ronda os professores que trabalham nesse regime, já que a qualquer momento do ano letivo pode chegar um professor de matrícula para assumir a turma. Do mesmo modo, o professor pode pedir para sair da aula extra a qualquer momento. Com isso, os professores que trabalham em regime de aula extra não criam laços na escola, não sentem-se pertencentes ao grupo e os alunos são prejudicados, à medida que, de uma hora para outra, podem ficar sem a sua professora.

O Governo Municipal se favorece com esta situação já que não precisa pagar os mesmos honorários que recebem os outros professores e, ao mesmo tempo, não promove concurso público para que todas as escolas sejam lotadas com professores de matrícula. O último concurso que houve em Duque de Caxias foi em 2003. Os professores, por outro lado, esperam e disputam as aulas extras oferecidas, como forma de complementação dos seus salários. Muitos não fazem a reflexão de que não trabalham nas mesmas condições que um professor de matrícula e se frustram quando não conseguem uma vaga temporária em alguma escola, de preferência a mesma em que é lotado, para que não precise se deslocar de uma escola para outra.

Uma outra situação que merece reflexão é a diferença nos índices de retenção entre as escolas no Ciclo de Alfabetização. A escola Trigueiro Machado tem um índice de mais de 60% de retenção e a escola Marcos Lucas beira os 25%. Não posso dizer que nesta última escola o índice seja o desejável mas, comparando as duas escolas, percebemos uma discrepância muito grande em seus resultados. Por que será que isso acontece na mesma rede de ensino? As condições de trabalho que as professoras vivenciam influenciam esses resultados? Serão essas escolas acompanhadas pela rede no sentido de oferecer formação continuada para os professores alfabetizadores? Como esses professores são lotados no Ciclo de Alfabetização?

Algumas dessas perguntas são difíceis de serem respondidas. Mas algumas, creio que sem dúvidas, posso respondê-las, até porque são alvo de minhas reivindicações, A primeira diz respeito à escolha das professoras alfabetizadoras. Geralmente, no primeiro ano são colocados ou professores novos, sem experiência, ou professores que atuam como aula-extra, e que muitas vezes não permanecem na escola no ano seguinte. Consideram que pode haver reparação nos outros anos do Ciclo, em especial no terceiro.

A escola Trigueiro Machado, como já relatado, se situa em um local de difícil acesso. Nessa escola, a alta rotatividade de professores é um fator constante. Geralmente, os professores que vão para lá são aqueles que estão em estágio probatório e que, portanto, devem permanecer na escola por um período de dois anos. À medida que termina esse

tempo, pedem remoção para uma escola situada mais próxima ao centro do município. Assim, a escola tem sempre um grupo diferente, o que significa, em termos de formação, reiniciar a cada ano e, em termos relacionais, a não constituição de um grupo e um sentimento de não pertencimento, o que pode acarretar na falta de compromisso com o trabalho.

Por isso, posso dizer que os professores trabalham em condições diferentes, as escolas têm perfis diferentes, algumas conseguindo driblar o que determina a secretaria de educação, investindo mais na formação do professor, os diretores têm também diferentes posturas, uns caminham no sentido de agradar tão somente a secretaria e outros lutam por uma escola mais inclusiva tanto para alunos como professores.

Um maior tempo de permanência dos alunos na escola, inclusive em tempo integral, tem sido alvo de reflexões constantes por estudiosos em educação. Duque de Caxias caminha na contramão dessa proposta. Temos escolas que funcionam em três turnos, o que significa que cada turno funciona em média três horas e quarenta e cinco minutos, isso sem contar horário de desjejum ou de recreio. A escola Piauí é um exemplo disso.

Uma outra questão diz respeito à gestão das escolas. Como no município, os diretores são escolhidos pelos políticos, podendo a qualquer momento serem depostos do cargo, atuam de forma a não desagradar nem a secretaria, nem aos políticos que os colocaram ali. Dessa forma, muitas vezes tomam decisões arbitrárias, autoritárias, sem consultar os professores ou a comunidade escolar, Assim, os professores não se sentem como fazendo parte de um coletivo, pois não participam do que é decidido pela gestão.

O Conselho Escolar, que poderia minimizar esse problema através da representatividade de responsáveis e professores, em algumas escolas funciona de maneira estritamente burocrática, em que os responsáveis dos alunos são apenas comunicados das reuniões e praticamente não têm direito à fala, ou não se sentem à vontade para expor a sua opinião. Os professores se recusam a participar, pois isso significa um trabalho a mais e a escolha geralmente se dá através de sorteio. Sendo o diretor o presidente, as decisões acabam sendo tomadas por ele, porque contrariá-lo nem sempre é a melhor saída.

Os orientadores das escolas, que poderiam em muito ajudar aos professores em relação à formação continuada, levando-os a refletir sobre questões da sala de aula e sobre as conjunturas social e política que influenciam diretamente a educação do país, atuam quase sempre de maneira burocrática. Em Duque de Caxias, os orientadores fazem parte

da equipe diretiva. Isso significa, às vezes, acatar as decisões da direção, já que se consideram fazendo parte dela. Assim, se coadunam com os diretores, buscando manter com estes uma relação de confiança. Perdem, assim, a confiança dos professores. Quando o diretor não está, o pedagogo literalmente assume a escola. Por outro lado, temos a burocracia inerente a maior parte dos sistemas educacionais. Sem tempo para o estabelecimento de vínculos, professores e orientadores caminham cumprindo cada um o seu trabalho, cada vez mais solitário.

Respondidas algumas das perguntas feitas acima, considero que posso agora apresentar algumas conclusões a que cheguei em relação ao trabalho das professoras investigadas. Sendo apenas quatro, o tempo de observação, a entrevista e, em menor proporção, as conversas com os alunos, me ofereceram dados importantes. Como Bressoux (2003) acredito que é importante socializar para outros professores o que alguns vêm realizando para que seus alunos obtenham também sucesso em suas aprendizagens.

Por tudo isso, considero que a professora Luciana, apontada pela equipe pedagógica como uma professora-referência, tem atitudes e práticas que não condizem com o que defini como sendo uma professora de sucesso. Talvez essa indicação tenha se dado pelas condições da escola que, com a alta rotatividade de professores, tem ali somente aqueles que estão cumprindo o tempo de estágio probatório para que possam, então, sair da escola. A professora Luciana, diante disso, pode mesmo ser para a escola uma referência. Além disso, o compromisso com o trabalho, o fato de não faltar às aulas, não chegar atrasada, não pedir para sair cedo também pode ter sido levado em consideração quando da indicação.

Chego a essa conclusão a partir de tudo que foi detalhado no texto em relação ao trabalho desta professora. Embora em alguns momentos tenha sido carinhosa e preocupada com a aprendizagem dos seus alunos, em muitos outros deixava transparecer uma certa irritação ao lidar com as questões próprias de crianças da idade com a qual trabalhava.

Destaco ainda que, em vários dias de observação, vi a professora colocando para os alunos o que era a sua função: ensinar. Por mais que a troca entre eles seja importante e até incentivada, não deve ser o que prevalece na turma. As atividades coletivas oferecem muito mais informações do que as em grupo ou em duplas, principalmente se estas ocorrerem com os alunos trabalhando sozinhos. Nestas situações, acho que a professora deve circular pela sala, fazendo perguntas, dando informações e esclarecendo dúvidas,

que podem, inclusive ser discutidas no coletivo, pois muitos alunos podem ter as mesmas questões.

Ressalto ainda que esta professora realizou poucas atividades em relação ao ensino do sistema de escrita alfabético. E ter no final do ano seis alunos pré-silábicos e vários silábicos não era uma preocupação para ela, pois em nenhum momento fez menção a este fato. Deste modo, durante o tempo observado, vi muito pouco a professora ajudando seus alunos. Ao contrário, reclamava quando não apresentavam as atividades corretamente. Como fazer corretamente se para eles o desafio era impossível, por ser difícil demais? A professora parecia não compreender isso e deixava que os alunos descobrissem sozinhos o que fazer. A estratégia utilizada por eles era a cópia de algum outro colega ou simplesmente não faziam a atividade. Quando isso acontecia, ficavam na hora do recreio ou então levavam o caderno para casa com a escrita da professora “*Não fez*”. Analisando todas as escritas de seus alunos, percebi que foram estes os que menos se desenvolveram em relação às outras.

A professora Paloma demonstrava carinho pelas crianças e raramente sua voz se alterava. Embora não realizasse com constância atividades para que os alunos aprendessem sobre o sistema alfabético, a maior parte deles já produzia uma escrita alfabética. Imagino que, como a professora trabalhou com essa mesma turma no ano anterior à pesquisa, estas atividades podem ter se dado naquela época. Para os alunos que não produziam escrita alfabética ou estavam ainda consolidando esse processo, a professora chamava para perto de si e realizava com eles atividades com esse objetivo.

Esta professora já trabalha na escola há nove anos, a maior parte deles com alfabetização. Isso dá a ela uma certa segurança sobre o que faz. Embora compreenda que a professora poderia trabalhar mais efetivamente a ortografia e outras particularidades da nossa escrita, ela quase sempre realizava estas intervenções à medida que os alunos a questionam, de modo individual. Contudo, não posso desconsiderar o quanto a maior parte de seus alunos tem evoluído em relação à aprendizagem da escrita alfabética, e também a preocupação da professora com aqueles que estão em processo de consolidação da escrita e ainda o reconhecimento dos outros professores e dos responsáveis em relação ao seu trabalho.

A professora, quando da entrevista, afirmou que, apesar de trabalhar com a proposta da rede, que é a sociointeracionista, em nenhum momento a vi propondo atividades em que os alunos podiam trocar entre si, ou trabalhando em duplas ou grupos. Em relação ao comportamento, afirmou que se considera rigorosa. Isso é corroborado

pelos alunos que disseram que às vezes a professora fica brava e ainda em minhas observações, muito embora a tenha visto falando alto poucas vezes. Seus alunos afirmaram ainda que a professora mandava bilhetes para casa quando algum aluno não realizava as atividades ou se comportava mal. Em minhas observações jamais vi isso acontecendo.

As professoras Cristina e Diana têm práticas bastante parecidas. Em todo o tempo observado, não vi nenhuma das duas perdendo a paciência com algum aluno. Quando queriam chamar atenção de algum deles, faziam de modo tranquilo, ou individualmente. As duas brincavam muito com as crianças, parecendo reconhecer que o lúdico faz parte do processo educativo. Evidência disso foi quando uma criança da professora Cristina afirmou: *“a professora Cristina é uma palhacita. Ela brinca com a gente e faz careta. Num dia teve quem fazia a careta mais feia. Foi o Jefferson que ganhou”* (Conversa com os alunos).

As duas professoras realizavam jogos próprios para alfabetização: bingo de letras ou palavras, forca, adivinhações, também trabalho com rimas, trava-línguas, separação das palavras em uma frase, contagem de letras e sílabas. Desse modo, não sei se conscientemente ou não, as duas professoras realizaram algumas atividades envolvendo a consciência fonológica. Entendo que buscar um trabalho sistemático envolvendo a consciência fonológica não significa um retorno ao método fônico, como alguns podem acreditar. Pensar nas partes menores das palavras, reconhecendo as mesmas como sequências sonoras, em nada fere um ensino mais construtivista. (Morais, 2005).

A professora Diana foi a professora que recebeu, no início do ano, a maior quantidade de alunos pré-silábicos ou silábicos. No entanto, não reclamava sobre isso e realizava um trabalho em que estes eram ajudados por ela com frequência. Analisando as suas escritas, pude perceber que todos eles tiveram avanços significativos.

Considero que as professoras Cristina e Diana foram as duas que mais se destacaram pelo que realizam em sala, pelas relações que estabeleciam com os seus alunos e pelo resultado que alcançaram com estes. Essas professoras buscavam oferecer atenção individualizada, ajudando aqueles que mais precisavam. A professora Cristina sentava-se perto deles, propunha leituras para que treinassem em casa e problematizava as suas escritas no coletivo, entre outras medidas. Já a professora Diana, circulava pela sala e, quando percebia que algum aluno estava com dificuldade, ficava perto, dando-lhe atenção, realizava muitos trabalhos coletivos e montava duplas produtivas. As atividades que propunha tinham sempre um desafio, tanto para os que sabiam mais, como para os

que ainda estavam em uma fase menos avançada. Isso demonstra a preocupação da professora com todos os alunos: para os que ainda não compreendiam as propriedades do sistema alfabético da escrita, as atividades que propunha tinham esse objetivo e para os que estavam em uma fase mais avançada, as atividades ajudavam a refletir sobre a ortografia e outras características da nossa língua.

Tenho clareza de que as escritas dos alunos analisadas no trabalho não revelam todo o investimento dos professores para que estes cheguem à compreensão do sistema alfabético. Estas escritas nos dão apenas algumas pistas, indícios do trabalho vivenciado na sala de aula, muito embora tenhamos que considerar as condições adversas que a maior parte dos professores de escolas públicas brasileiras vive: escolas degradadas, falta de materiais, frequência dos alunos à escola, a violência, os problemas sociais que fazem os alunos abandonarem cedo a escola, os dias em que não têm aula; o comportamento do aluno, dentre outros fatores.

Dito isto, acredito acredito que posso afirmar em relação ao trabalho desenvolvido pela professora Luciana que o pouco desenvolvimento dos alunos tenha se dado especialmente pelo que ela afirmou: *‘a troca é o diferencial desta proposta’*. Infelizmente, ao fazer prevalecer a troca entre os alunos, a professora deixou muitas vezes de cumprir o seu papel de ensinar e informar. Ressalto, ainda, que o tempo destinado à cópia ou às atividades do livro didático, muitas delas sem sentido, poderia ser melhor utilizado para a reflexão dos alunos acerca da escrita. Destaco também as relações estabelecidas com as crianças e com os responsáveis. Embora em alguns momentos se mostrasse carinhosa e, do seu jeito, demonstrasse preocupação com os alunos, o que presenciei ali foram várias situações de falta de respeito aos alunos e a seus responsáveis. Desse modo, não posso considerar esta professora como sendo uma referência.

Retornando às professoras Cristina e Diana, ao analisar as escritas que me franquearam, pude perceber que todos os alunos das duas turmas não terminaram o ano do jeito que entraram. Mesmo alguns poucos, especialmente na turma da professora Diana, não tendo consolidado a escrita alfabética, quando se olha como iniciaram o ano, vê-se um avanço considerável, principalmente levando em consideração que estes eram vistos como aqueles incapazes de aprender. Diana mostrou que não. Como disse na entrevista, para ela todos são capazes de aprender, mesmo que uns mais rápidos que outros. Considero, desse modo, que essas duas professoras podem ter o seu título de professora-referência validado pela pesquisa.

Finalizo, então, este trabalho respondendo a algumas perguntas às quais me propus. Alguns aspectos foram contemplados e outros não, mas espero que essa pesquisa possa servir aos professores alfabetizadores no sentido de encontrar aqui práticas que podem ser consideradas modelares para o ensino da língua escrita e, ainda, embora não tenha sido esse o meu objetivo, ajudar aos formuladores de políticas públicas em alfabetização a encontrar soluções para os problemas que tanto afligem professores ou responsáveis ao verem os seus filhos por vários anos na escola sem aprender a ler ou escrever, em especial os alunos que mais precisam dela. Alunos que demoram ou, muitas vezes, não conseguem adentrar por esse mundo maravilhoso da escrita.